



ConScientiae Saúde

ISSN: 1677-1028

conscientiaesaude@uninove.br

Universidade Nove de Julho

Brasil

Gonzales Barbosa, Lúcia Maria; Chiari, Brasília Maria
Gagueira: possíveis aproximações com o enfoque sócio-histórico de Vygotsky
ConScientiae Saúde, vol. 4, junho-diciembre, 2005, pp. 43-54
Universidade Nove de Julho
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=92900405>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Gagueira: possíveis aproximações com o enfoque sócio-histórico de Vygotsky¹

Lúcia Maria Gonzales Barbosa

Doutora em Distúrbios
da Comunicação Humana, – UNIFESP;
Professora na graduação – UNINOVE.
luciabarbosa@uninove.br, São Paulo [Brasil]

Brasília Maria Chiari

Livre-docente em Distúrbios
da Comunicação Humana – UNIFESP;
Vice-chefe do Departamento de Fonoaudiologia
e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação
em Distúrbios da Comunicação Humana – UNIFESP.
chiaribradch.otor@epm.br, São Paulo [Brasil]

Acredita-se que linguagem e cognição estão envolvidas na etiologia da gagueira, embora não se explique o modo como elas se relacionam com a manifestação de seus sintomas. Neste artigo, discute-se a possibilidade de explicar tal relação com base no enfoque sócio-histórico de Vygotsky, cujas obras têm sido sistematicamente ignoradas por aqueles que se dedicam à compreensão da natureza da gagueira. Neste trabalho, estritamente teórico, sustenta-se que é possível integrar certos conceitos da concepção de Vygotsky com algumas teorias propostas para explicar a causa da gagueira.

Palavras-chave: Fala. Gagueira. História.
Linguagem. Sociedade.

1 Introdução

A gagueira é um distúrbio da fala que provoca rupturas anormais e involuntárias em sua fluência, isto é, a qualidade que permite seja a fala produzida de modo contínuo, regular, automático ou fácil. A fala constitui uma linguagem verbal, processo simbólico que permite ao homem comunicar-se por meio de palavras, possibilitando a transmissão do conhecimento atual ou aquele acumulado ao longo do tempo. Tal linguagem reflete a realidade e cria significados a partir do contexto social e histórico em que são produzidos (DALTON; HARDCASTLE, 1989; LURIA, 1987).

As manifestações mais visíveis da gagueira são as repetições e os prolongamentos de sons ou palavras; a inserção de interjeições; as pausas audíveis ou silenciosas; as substituições de palavras; os bloqueios e as revisões (VAN RIPER, 1963).

Tal distúrbio da fluência possui vários estágios de evolução. Nos quadros mais leves, observa-se a simples repetição de sons ou palavras; entretanto, nos mais severos, surgem comportamentos não-verbais – secundários – associados aos sintomas verbais, que revelam o agravamento do distúrbio de fala, tais como presença de tensão muscular ou movimentos corporais. Quanto à sua sintomatologia, severidade e frequência, é uma condição intermitente, não se manifesta o tempo todo, da mesma forma, em todas as situações, apresentando uma grande variabilidade inter e intra-individual (PETERS; GUITAR, 1991).

Geralmente, a gagueira surge durante a primeira infância, até os 10 anos de idade. Seus primeiros sintomas aparecem com mais frequência entre 2 e 3 anos. Sua incidência na população mundial é de 4% e sua prevalência de 1%, sendo seu curso instável, pois pode

aparecer gradual ou abruptamente. Também se observa que há casos de remissão espontânea, em que os sintomas desaparecem espontaneamente. Contudo, tais casos só ocorrem até a puberdade. Na adolescência, as chances de o indivíduo se recuperar da gagueira são remotas. Depois da fase de desenvolvimento, a tendência é o quadro tornar-se crônico ou piorar (BLOODSTEIN, 1981).

Ainda não se descobriu o que causa a gagueira. Entretanto, evidências de funcionamento cerebral atípico têm sido encontradas entre indivíduos que gaguejam, pois tendem a ativar áreas cerebrais inusuais enquanto falam (BOBERG, 1993). Também parece existir uma predisposição genética para o seu surgimento, em razão de a gagueira acometer mais meninos do que meninas, na proporção de aproximadamente 4:1. Recentemente, identificaram-se genes relacionados à gagueira, que se acham associados aos cromossomos 13 e 18. Além disso, a história positiva na família aumenta os riscos para o seu aparecimento. Indivíduos que gaguejam e que também possuem histórico familiar de ocorrência de gagueira tendem a apresentar quadros mais graves ou até casos crônicos (FELSENFELD, 1998; DRAYNA, 2003).

Apesar de se supor que exista uma base constitucional relacionada à sua etiologia, ainda não se chegou a um consenso quanto à natureza da gagueira. Há anos tem-se buscado uma explicação para tal distúrbio de fala e diversas explicações vêm sendo propostas.

2 As diferentes explicações sobre a etiologia da gagueira

Nos anos 1920, por influência dos conhecimentos advindos da medicina, surgi-

ram as primeiras explicações de cunho científico sobre a etiologia da gagueira. Elas se baseavam no modelo orgânico e se referiam a uma possível disfunção fisiológica relativa à falta de uma adequada lateralização hemisférica. Levantava-se a hipótese de que a origem da gagueira estaria relacionada a uma falta de dominância hemisférica. Assim, esse distúrbio (problema) seria inevitável e não poderia ser tratado. Acreditava-se que ela seria resultante de uma ativação anômala de neurônios durante a produção da fala (BARBOSA, 2003).

No fim da década de 1930, sugeriu-se pela primeira vez a associação entre gagueira e linguagem. Julgava-se que crianças que gaguejavam eram atrasadas para falar sua primeira palavra, em comparação com crianças fluentes, assim como para produzir uma fala inteligível a pessoas fora de seu círculo familiar. No entanto, tais dados não se comprovaram válidos para todos os casos, o que não permitiu concluir que a gagueira tivesse qualquer relação com a linguagem (CURLEE; SIEGEL, 1996).

A partir de 1940, sob a influência da teoria psicanalítica freudiana, julgou-se que seria possível encontrar uma explicação plausível para esse distúrbio da fluência. Com base em tal concepção teórica, os conflitos interiores enfrentados pelo indivíduo que gaguejava tornaram-se o foco dos trabalhos. A gagueira era explicada como consequência de um conflito interior, resultado de uma agressividade não expressa. Ela resultaria de oposição entre desejos conscientes e inconscientes. Respectivamente, o indivíduo desejaria falar, mas ao mesmo tempo não gostaria de fazê-lo. Considerava-se que tal ambigüidade de comportamento refletiria uma dificuldade básica do indivíduo para lidar com a expressão de sua agressividade. Os indivíduos

os que gaguejavam foram, então, encaminhados para a psicoterapia, por acreditar-se que a gagueira constituía um distúrbio psicológico. Tratava-se dos supostos aspectos psíquicos e desprezava-se a manifestação da fala (SIEGEL, 1998).

Em face do insucesso do tratamento psicanalítico da gagueira, uma nova abordagem teórica se impôs durante a década de 1950: o behaviorismo. Com ele, o foco de atenção foi retirado do indivíduo e deslocado para o seu ambiente. Considerou-se a gagueira como um comportamento aprendido, que poderia ser modificado; por isso, procurou-se enfatizar os sintomas manifestos, buscando-se eliminá-los (BARBOSA; CHIARI, 1998). As causas da gagueira não estariam mais situadas no indivíduo, mas lhe seriam externas. Sustentava-se que, por meio da educação e da orientação aos pais, a gagueira seria prevenida e o seu desenvolvimento revertido. Priorizou-se a investigação sobre as condições ambientais associadas à gagueira (PETERS; GUITAR, 1991). Entretanto tal posição não se mostrou produtiva.

Os indivíduos que gaguejavam relatavam experienciar a gagueira como uma perda de controle sobre a própria fala. Apesar de se perceberem gaguejando, não conseguiam parar de gaguejar (PERKINS; KENT; CURLEE, 1991). Mesmo quando, aparentemente, conseguiam emitir uma fala fluente, internamente sua percepção era a de que continuavam gaguejando.

A partir da década de 1960, o desenvolvimento tecnológico trouxe novos avanços científicos sobre o funcionamento neurológico, renovando-se, desse modo, o interesse pela atividade cerebral dos indivíduos que gaguejavam, o que permitiu estabelecer as bases neurológicas da gagueira. Alguns trabalhos revelaram que havia diferenças

neurológicas entre indivíduos que gaguejavam e os que não apresentavam o problema (BOBERG, 1993).

Entretanto, a maior atenção dos investigadores voltou-se para os aspectos relativos ao controle motor da fala (KALVERAM, 2001). Entre 1970 e 1980, predominaram as pesquisas sobre a coordenação motora e/ou temporal da musculatura oral envolvida com a produção da fala. Estudaram-se as razões que levariam a uma provável instabilidade na coordenação dos músculos respiratórios, fonatórios e articulatórios dos indivíduos que gaguejavam.

Concomitantemente, à medida que as investigações sobre as bases neurofisiológicas da gagueira prosseguiram, ia-se compreendendo que, isoladamente, os fatores motores não seriam suficientes para explicar a complexidade das manifestações da gagueira. Assim, entre o fim dos anos 1980 e o início da década de 1990, surgiram os primeiros modelos lingüísticos da gagueira, que trouxeram para tal área de conhecimento uma nova perspectiva (RATNER, 1995).

Julgou-se que crianças que gaguejavam provavelmente experimentariam, em seu sistema de linguagem, um descompasso entre os componentes léxicos e os morfossintáticos. Tal desequilíbrio poderia provocar a ruptura ou interrupção no fluxo fluente da produção da fala, ou resultar em correções que se manifestariam como repetições, hesitações ou prolongamentos; enfim, sintomas típicos da gagueira. Dessa forma, a gagueira seria explicada como produto de erros no planejamento lingüístico ou no acesso e recuperação de elementos lingüísticos, ou ainda em ambos (RATNER, 1998).

Novas propostas combinaram ambos os processos de planejamento e de execução da produção de fala e linguagem, ou

seja, o processamento de pendências lingüísticas associadas com instabilidade motora (BOSSHARDT, 1995, 1998a). Aceitava-se que a gagueira envolvesse outros aspectos, que não aqueles relacionados especificamente à produção motora da fala.

O foco dos estudos sobre a gagueira voltou-se para os processos pré-motores relativos ao planejamento da fala e à sua associação com os processos cognitivos. Alguns autores levantaram a hipótese de a gagueira se caracterizar como um distúrbio lingüístico, em que processos cognitivos interfeririam negativamente na execução dos movimentos de fala (BOSSHARDT, 1998b, 1999, 2001).

Supôs-se que o indivíduo que gagueja necessitasse de um tempo maior para o planejamento de sua fala. Também se sustentou que tal distúrbio de fala poderia ser o resultado de um atraso ou ineficiência no uso de estratégia para reparar problemas no processamento da fala que estaria em andamento. O indivíduo com essa disfunção começaria a falar antes que o plano articulatório tivesse sido completamente especificado (PERKINS, KENT, CURLEE, 1991; BOSSHARDT, 1995; STARKWEATHER, 1995).

Os aspectos pragmáticos da fala ou o estudo do conjunto de regras sociolingüísticas relativas à linguagem empregada no contexto comunicativo também começaram a ser investigados a partir da década de 1990 (CURLEE; SIEGEL, 1996).

Em síntese, as investigações científicas sobre a gagueira, que antes oscilavam entre o estudo do comportamento do indivíduo que gagueja e o estudo dos componentes motores da fala, voltaram-se para o estudo da relação entre fala, linguagem e cognição. Por isso, nas atuais abordagens teóricas sobre a gagueira, sugere-se que sua causa seja multidimensional. Considera-se que, além do en-

volvimento do sistema motor, ela deva surgir como resultado de uma falha neurofisiológica entre os sistemas lingüísticos e cognitivos de geração da fala.

3 A relação entre gagueira, linguagem e cognição

Tem despertado a atenção o fato de que a linguagem falada é o resultado final de uma série de processos motores, lingüísticos e cognitivos que se desenvolvem de modo simultâneo e integrado.

Do ponto de vista essencialmente motor, a fala é uma resposta que abrange uma seqüência temporal de movimentos musculares coordenados. Para que seja produzida, o ar expelido dos pulmões deve ser modulado pelo sistema composto dos aparelhos respiratório, fonatório e articulatório (DALTON; HARDCASTLE, 1989). As fibras musculares relacionadas à fala acham-se conectadas ao sistema nervoso central. Tal musculatura sofre também a influência de uma série de outros sistemas neurais, os quais são ativados quando o indivíduo se acha em situações sociais que provocam ansiedade, estresse ou emoção. Nessas circunstâncias, todo o sistema fica vulnerável e podem ocorrer rupturas naturais na fluência da fala, em razão das alterações neurofisiológicas causadas por alguns dos sistemas neurais.

O período em que os primeiros sintomas de gagueira se manifestam costuma coincidir com a época em que a criança está adquirindo suas habilidades lingüísticas e ampliando seu vocabulário (RATNER, 1995), o que pode precipitar o aparecimento do problema.

Em relação aos que não gaguejam, os indivíduos que o fazem exibem uma habilidade lingüística inferior. Há uma tendência de suas

rupturas na fala surgirem antes de estruturas sintáticas relativamente complexas. Já se identificou que a probabilidade de gaguejar aumenta em sentenças longas, no início das palavras ou das sentenças, em sílabas tônicas, em palavras de relevância gramatical dentro das frases (substantivos, verbos, adjetivos e advérbios) e em palavras extensas (BLOODSTEIN, 1981; PETERS; GUITAR, 1991).

Para falar é preciso conceituar e formular um enunciado verbal, ou seja, antes de realizar a emissão vocal, é necessário planejá-la. Com essa finalidade, deve-se processar o sistema lingüístico formado pelas palavras, o que ocorre em nível pré-motor, antes de a fala ser articulada. Neste plano, ocorrem as decisões sobre os recursos lingüísticos que estão disponíveis, ou seja, a formulação da linguagem. Por isso, deve-se mobilizar a memória, na qual o repertório de palavras se acha armazenado. Além disso, por meio de sistemas de *feedback* auditivos (ouvir o que se fala), motores ou lingüísticos, deve-se monitorar todos esses processos, para que se corrija a tempo qualquer problema (DALTON; HARDCASTLE, 1989).

Parece que quem gagueja apresenta lentidão no processamento de informações verbais ou na sua recuperação, o que provoca um atraso no processo de reparação de erros (CURLEE; SIEGEL, 1996).

Existe ocorrência acentuada da gagueira quando várias funções cognitivas são mobilizadas ao mesmo tempo, ou seja, em momentos de aumento de demanda no processamento cognitivo. Por isso, suspeita-se que os indivíduos que gaguejam sobrecarreguem o seu sistema cognitivo durante a produção da fala. Julga-se que, por alguma razão, os processos de fala e cognitivos não atuam de modo integrado – provavelmente os processos cognitivos em curso entrem em conflito

com aqueles envolvidos com a geração da fala. (DE NIL; BOSSHARDT, 2001).

A produção da fala se dá de forma progressiva. Enquanto as últimas partes de uma emissão são planejadas, as iniciais são articuladas. Isso pode provocar dificuldades em termos da coordenação e sincronização entre os diversos sistemas – ou ainda em um mesmo sistema – envolvidos durante o planejamento e execução da fala (BOSSHARDT, 1995, 1998a).

Todo o processo de planejamento da fala implica tomada de decisões hierárquicas em diversos níveis, desde a construção da mensagem até o nível fonético-articulatório. Também envolve a mobilização de recursos lingüísticos, entre os quais o repertório vocabular. Diferenças na velocidade da codificação lingüística podem influir na ocorrência de rupturas na fala. Se algum tipo de dificuldade cognitiva ocorrer, a execução motora será afetada, resultando em pausas, correções, hesitações, revisões ou repetições, entre outras.

Desconfia-se de que rupturas de fala que se observam em indivíduos que gaguejam possam ser primariamente causadas por deficiência nos processos lingüísticos e cognitivos presentes na formulação da linguagem, durante o processamento do planejamento verbal (BOSSHARDT, 1998a). Suspeita-se que os problemas enfrentados pelos indivíduos que gaguejam para falar estejam associados a níveis pré-motores de produção da fala, pois é neste nível que se realiza a integração entre processos cognitivos e lingüísticos; dito de outra forma, quando os pensamentos tomam uma forma moldada pelas regras fonológicas, sintáticas e semânticas da linguagem, as idéias abstratas se transformam em palavras (DALTON; HARDCASTLE, 1989).

Assim, em razão do desenvolvimento mais recente das concepções teóricas sobre

a natureza da gagueira – em que se aceita a associação entre linguagem e cognição com a produção da fala, o momento atual é propício para propor uma possível aproximação entre o campo da gagueira e a abordagem sócio-histórica de Lev Semyonovich Vygotsky (1896-1934), que discutiu a relação entre fala, linguagem e cognição.

Embora os trabalhos de Vygotsky estejam sendo publicados desde as primeiras décadas do século XX, e muitos deles já se encontrem traduzidos para o português e o inglês, nenhuma de suas obras é citada na literatura sobre gagueira. Tal autor vem sendo ignorado por aqueles que têm estudado essa disfunção.

4 **A abordagem sócio-histórica de Vygotsky**

Vygotsky concebeu uma teoria marxista do funcionamento cognitivo ao estudar as funções superiores do comportamento humano. Tendo sofrido forte influência do materialismo dialético de Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), aprofundou-o em suas reflexões sobre os processos cognitivos, compreendendo-os como aspectos da existência social humana.

Julgava que todas as atividades cognitivas humanas fundamentais tomavam forma na matriz da história social. Não desconsiderou os substratos biológicos do comportamento, mas os explicou relacionando-os com as condições sociais em constante mudança (VYGOTSKY, 1991, 1999a, 1999b, 2000). As formas superiores de atividades específicas do ser humano não seriam produto natural da evolução do cérebro, mas da forma de vida social especificamente humana; por isso, deu grande valor ao estudo do pensamento e

da linguagem (VYGOTSKY, 1991, 1999a), investigando particularmente as questões relativas às conexões entre fala e cognição, para compreender o modo como o conhecimento se internalizava.

Interessou-se pelo modo como a criança aprende a pensar, sustentando que isso se dava por um processo de interiorização das atividades exteriores e sociais na estrutura mental da própria criança, possibilitado apenas pela atividade de mediação. Para Vygotsky, a interação entre o ser humano e seu ambiente ocorria por meio do uso de instrumentos (orientados externamente) e de signos (orientados internamente), criados pela sociedade no curso da história humana. A fala seria o protótipo de um sistema mediador (VYGOTSKY, 1991, 2000).

Segundo Vygotsky (1999a, 2000), a função comunicativa da fala se originaria da necessidade de troca de experiências, conhecimentos e informações durante a atividade de trabalho em um meio social e estaria fundamentada na cultura. Ressaltava a importância da aquisição da fala, por julgar que a essência do comportamento humano complexo derivava da unidade dialética entre a atividade prática e a simbólica. Esta última possuiria uma função organizadora, por produzir formas inéditas de comportamento e modificar o meio social bem como o nível de desenvolvimento cultural.

Para Vygotsky (1991, 2000), toda palavra significaria algo e representaria o produto do desenvolvimento histórico-cultural, tornando-se instrumento para a formulação de abstrações e generalizações bem como facilitando a transição da reflexão sensorial não mediada para o pensamento mediado. Tanto o aspecto semântico quanto o fonético comporiam uma unidade indissolúvel na palavra. Uma palavra não se referiria a ob-

jetos isolados, mas a conjuntos de objetos, constituindo-se uma generalização, implicando um ato verbal do pensamento que refletiria a realidade de modo abstrato.

Por meio do emprego de palavras se alcançaria uma independência com relação à percepção imediata, conferindo sentido aos fatos concretos e generalizando-os (VYGOTSKY, 1999a). Por isso, esse autor sustentava que, além de expresso em palavras, o pensamento só existiria em razão delas, explicando que possuíam dois componentes básicos: a representação material e o significado. O primeiro permitiria a evocação do objeto concreto quando ele estivesse ausente – ao se pronunciar uma palavra, imagens dos objetos e fatos a ela associados seriam evocados. O segundo estaria relacionado aos processos de abstração e generalização envolvidos na análise que se acha implícita em sua produção, constituindo sua estrutura (VYGOTSKY, 1991).

Vygotsky realizou ainda uma série de investigações sobre o significado das palavras, por considerar que constituía a unidade entre linguagem e cognição. Ele representaria formações dinâmicas, que evoluiriam e se modificariam no curso de desenvolvimento humano, em função do meio social, refletindo as alterações que ocorreriam nas relações entre fala e pensamento. No significado das palavras, ambos se encontrariam reunidos na forma do pensamento verbal. Para esse autor (1991, 1999a), o aspecto semântico da linguagem da criança era de importância fundamental para o seu desenvolvimento cognitivo porque, com base nos resultados de suas pesquisas, constatou que sem palavras não seria possível direcionar os próprios processos mentais.

Em síntese, para Vygotsky (1991), era a palavra, mas não o pensamento, que permitiria o desenvolvimento humano. A fala era

considerada como a manifestação de duas dimensões básicas da vida: a social e a mental. Nesse sentido, atribuía a ela as funções comunicativa e cognitiva (VYGOTSKY, 2000).

O modo como a fala se interiorizava em pensamento e como o pensamento se tornava verbal era o foco central da obra de Vygotsky (1991). Segundo ele, por meio do estudo do significado da palavra, elemento comum entre fala e cognição, seria possível o acesso tanto aos processos do pensamento quanto aos da linguagem.

Para Vygotsky (2000), não se poderia dissociar a fala dos processos lingüísticos e cognitivos a ela associados. Foi ele quem ressaltou a necessidade de entender a fala tanto como um produto da organização cognitiva do indivíduo quanto como resultado de suas experiências, em um meio social e cultural determinado.

Vygotsky (1991) sustentava que, no curso do desenvolvimento, a fala da criança, que inicialmente era uma fala social e exterior, seria internalizada, adquirindo características totalmente distintas. Esse processo de interiorização ocorreria pela incorporação das atividades exteriores e sociais à estrutura mental da própria criança, por meio da atividade de mediação. Tal fala interior precederia a fonação e se processaria de modo totalmente distinto.

No entender de Vygotsky (1999b), a fala interior seria completamente abstrata em relação à fala exterior articulada. Enquanto a última era sonora, a primeira reproduziria apenas os traços fonéticos semantizados. A fala interior seria agramática, adquirindo um caráter predicativo concernente aos atributos essenciais, e os significados se entrelaçariam de um modo diferente do que na linguagem exterior, aglutinando-se. A palavra incluiria o sentido dos contextos, designando somente

os elementos mais importantes do plano de ação futura.

Em comparação com a fala exterior – que era comunicativa, dirigida para os outros e designava objetos, propriedades e relações – a linguagem interior seria mais concisa, mais fragmentada e mais rápida (LURIA, 1987). Não transcorreria na mesma velocidade da fala exterior, que envolveria a articulação e teria uma estrutura diferente, mostrando-se mais reduzida e abreviada.

Como Luria (1987) expôs de forma clara, para Vygotsky, a linguagem interior teria uma função reguladora. Ela não se acharia dirigida para os outros. Com ela a elaboração do planejamento abstrato, o planejamento da ação, a resolução de problemas e a orientação em uma situação tornar-se-iam possíveis. Por meio dela o pensamento adquiriria a sua expressão verbal, pois graças a ela é que se formularia o conteúdo do pensamento. Nas crianças, conservaria as mesmas características da linguagem interior do adulto, mantendo-se analítica, planificadora e auto-reguladora.

A função auto-reguladora da linguagem interior seria um processo progressivo. Caracterizar-se-ia por se originar de modo interpsíquico, evoluindo até tornar-se intrapsíquico, ou seja, primeiramente seria compartilhada entre duas pessoas (LURIA, 1987). Aos poucos, a partir da comunicação entre a criança e o adulto, a linguagem se interiorizaria. Dessa fundamental transformação se estabeleceria a função auto-reguladora da linguagem, auxiliando a criança em sua ação prática, por meio de eficiente planejamento prévio. De certo modo, ela também constituiria um programa pré-motor.

De acordo com Vygotsky (1999a), os aspectos fonéticos da linguagem (som exterior) e os semânticos (significado interior)

não estariam cronologicamente ligados e surgiriam paulatinamente, sem coincidirem quanto ao seu desenvolvimento. Na evolução fonética da linguagem, a criança lidaria inicialmente com palavras isoladas, depois as agruparia em frases e orações cada vez mais complexas; porém, quanto ao seu sentido, ocorreria o contrário: ela daria significado a combinações de frases e orações, em seguida, a frases e orações isoladas, à combinação de palavras e finalmente a palavras isoladas. A forma gramatical nem sempre encontraria correspondência com o significado nela expresso.

Para Vygotsky (1991), as estruturas gramaticais seriam utilizadas pela criança antes mesmo de ela entender as operações lógicas que representam. Durante o desenvolvimento, a gramática da fala não corresponderia aos processos mentais que viessem a acompanhá-la. A disposição das palavras nas frases e a correta construção gramatical seriam anteriores ao aparecimento da relação lógica das frases entre si. Gradualmente, enquanto lidasse com a sintaxe das palavras, descobriria sua função como signos. Iniciar-se-ia uma transformação. A partir do predomínio da fala exterior e do uso de signos exteriores, surgiria uma fala voltada para si.

5 **Concepções teóricas sobre gagueira e a abordagem sócio-histórica de Vygotsky: possíveis aproximações**

Durante o desenvolvimento infantil, quando as primeiras palavras emergem, acham-se submetidas a uma ação prática. É necessário que, por meio do gesto de apontar, se indiquem os objetos aos quais as pala-

avras são dirigidas bem como a relação entre elas e tais objetos. Porém, paulatinamente, tornam-se independentes de tais recursos, por associarem o objeto nomeado com o seu conceito. Pode ser que, no caso de algumas das crianças que gaguejam, a relação entre o gesto de apontar, indicador dos objetos a que as palavras são dirigidas e aqueles que elas designam, não se estabeleça adequadamente, ou se estabeleça de modo inseguro (VYGOTSKY, 1991, 1999a).

Desde muito cedo a criança é capaz de submeter-se à instrução verbal e realizar tarefas relacionadas a ela, ainda que de maneira precária, ou seja, antes de empregar a linguagem, já é capaz de compreendê-la (VYGOTSKY, 1991, 1999a, 1999b). Como observado acima, talvez algumas das crianças que gaguejam encontrem dificuldades para empregar a linguagem em razão da falta de um adequado referencial ou devido a um referencial impreciso, o que pode perturbar a geração da fala e, conseqüentemente, os processos cognitivos a ela relacionados.

Inicialmente a criança depende da instrução verbal de um adulto para organizar o seu comportamento. Depois, pela manifestação de sua linguagem externa, ela cumpre tal tarefa. A linguagem, então, acompanha as ações da criança. Logo, a linguagem externa começa a preceder e a coordenar tais ações (VYGOTSKY, 2000). Com o tempo, essa linguagem se interioriza e passa a regular o comportamento. Pode-se supor que alguma disfunção ocorra durante um determinado momento do desenvolvimento de algumas das crianças que gaguejam, quando a fala e pensamento deveriam associar-se. Isso poderia ser um obstáculo para o pensamento tornar-se verbal, e a fala, racional. Também é provável que, para as crianças que gaguejam, alguma dificuldade se dê nesse mo-

mento do desenvolvimento quando a fala interior deveria instalar-se. Como essa função é auto-reguladora e auxilia na realização de ações voluntárias complexas, um atraso na sua aquisição poderia provocar prejuízos no controle e monitoramento da produção da fala (VYGOTSKY, 1999a).

Ao se designar um objeto por meio de palavras, realiza-se um complexo processo de análise. Tal processo de abstração e generalização não é imutável e se transforma durante o desenvolvimento da criança, alterando também todo o conjunto de processos cognitivos a ele relacionado. Inicialmente, o número de palavras da criança é reduzido, mas seu significado é amplo. À medida que ela se desenvolve, seu vocabulário se amplia e o significado da palavra se reduz. Este salto no desenvolvimento léxico corresponde à fase em que a linguagem costuma ser adquirida, por volta dos dois anos de idade.

Coincidentemente, as primeiras manifestações da gagueira costumam ocorrer exatamente nesse período da transição em que a linguagem externa se internaliza. É provável que crianças que gaguejam encontrem problemas para realizar tal passagem. Na literatura sobre a gagueira, há referências a respeito de uma fala não-fonética, que se estrutura antes de a fala tornar-se audível. Ela fornece as informações necessárias a sua articulação e emissão verbal (DALTON; HARDCASTLE, 1989). Sem ela, é provável que possam ocorrer erros durante a expressão vocal.

Vygotsky (1991) chamou a atenção para o fato de que a linguagem exterior envolve a articulação e a interna, não. A linguagem interna, em comparação com a anterior, é mais reduzida e abreviada; por operar sem a vocalização, a linguagem interna transcorre em uma velocidade muito maior do que a linguagem exterior. Isso implica um descom-

passo entre as suas velocidades, ou seja, as velocidades da fala interna e do processo de planejamento excedem a da fala exterior. Tal fato pode causar dificuldades para as crianças que gaguejam, deixando-as mais vulneráveis à ocorrência de rupturas na fluência de sua fala.

Em termos de desenvolvimento lingüístico, também ocorre um maior desenvolvimento morfológico e sintático, bem como um incremento no número de palavras que compõem o vocabulário da criança, implicando a mobilização de recursos da memória verbal, em termos de armazenamento e de recuperação da informação semântica (VYGOTSKY, 1999a). Talvez algumas crianças que gaguejam apresentem dificuldades na seleção das palavras ou em sua recuperação, o que pode levar à lentidão na geração da fala.

Para finalizar, vale destacar um dos aspectos fundamentais da obra de Vygotsky: o contexto sócio-histórico envolvido na produção da fala. Dentro da área da gagueira, admite-se que o modo como se dá a comunicação, os motivos que a provocaram, os conteúdos da informação bem como o tipo de relacionamento que se estabelece entre os interlocutores interferem não apenas na geração da expressão verbal, mas também em seu conteúdo (DALTON; HARDCASTLE, 1989; CURLEE; SIEGEL, 1996). No entanto, tais aspectos não têm sido devidamente valorizados pelos estudiosos deste campo do conhecimento, que vêm priorizando em suas investigações os componentes neurofisiológicos envolvidos com a produção da fala. Nesse sentido, a adoção da abordagem vygotskyana no estudo da gagueira mostra-se oportuna, pois fornece valiosas contribuições para uma compreensão mais abrangente desse distúrbio da fluência.

6 Considerações finais

Com base na abordagem sócio-histórica de Vygotsky, supõe-se que a gagueira deva emergir em decorrência de dificuldades que surgem durante a transição entre a linguagem externa e a interna e que é por meio do processo de estabelecimento do significado da palavra, que se dá em nível pré-motor, que se possa explicar a sua etiologia. Embora a fala seja frequentemente caracterizada como aspecto puramente motor da linguagem falada, não se pode limitá-la apenas a um de seus aspectos isoladamente, sem levar em consideração os outros componentes e o contexto sócio-histórico do qual ela emerge.

Stuttering: a possible approach to Vygotsky's socio-historical framework

It is believed that language and cognition are involved with the etiology of stuttering, although there is no explanation about the way they are related to the manifestations of its symptoms. In this article a possible explanation about the relation between stuttering, language and cognition is proposed based on Vygotsky's social-historical theoretical framework. His work has been systematically ignored by those who devote their efforts to the understanding of stuttering nature. In this article of strictly theoretical nature, it is stated that it is possible to integrate some concepts from Vygotsky's theoretical framework with some proposals of explanations about the cause of stuttering.

Key words: History. Language. Society. Speech. Stuttering.

Notas

- 1 Neste texto, a grafia do nome de Vygotsky respeitará a forma que aparece nas obras de seus contemporâneos russos: apenas com as letras "Y" – diferentemente de como aparece em obras traduzidas para o português.

Referências

- BARBOSA, L. M. G. Noções básicas sobre a gagueira: suas características, sua etiologia e as teorias sobre sua natureza. In: RIBEIRO, I. M. (Org.). *Conhecimentos essenciais para atender bem a pessoa com gagueira*. 1. ed. São José dos Campos: Pulso, 2003. p. 17-32.
- BARBOSA, L. M. G.; CHIARI, B. M. *Gagueira: etiologia, prevenção e tratamento*. 1. ed. Carapicuíba: Pró-Fono, 1998.
- RATNER, N. B. Stuttering and language. In: WORLD CONGRESS ON FLUENCY DISORDERS, 1., 1995, Munich. *Annals*. Munich: IFA, 1995. p. 87-92.
- _____. Linguistic and perceptual characteristics of children at stuttering onset. In: WORLD CONGRESS ON FLUENCY DISORDERS, 2., 1998, San Francisco. *Annals*. San Francisco: IFA, 1998. p. 3-6.
- BLOODSTEIN, O. *A handbook on stuttering*. 3. ed. Chicago: National Easter Seal Society, 1981.
- BOBERG, E. (Ed). *Neuropsychology of stuttering*. 1. ed. Edmonton: The University of Alberta Press, 1993.
- BOSSHARDT, H-G. Temporal coordination between pre-motor and motor processes in speech production. In: WORLD CONGRESS ON FLUENCY DISORDERS, 1., 1995, Munich. *Annals*. Munich: IFA, 1995. p. 107-112.
- _____. Disfluencies as a result of premotor and motor level processes. In: WORLD CONGRESS ON FLUENCY DISORDERS, 2., 1998, San Francisco. *Annals*. San Francisco: IFA, 1998a. p. 7-14.
- _____. Speech fluency under dual-task conditions. In: WORLD CONGRESS ON FLUENCY DISORDERS, 2., 1998, San Francisco. *Annals*. San Francisco: IFA, 1998b. p. 47-50.



BOSSHARDT, H-G. Effects of concurrent mental calculation on stuttering, inhalation and speech timing. *Journal of Fluency Disorders*, Nashville, n. 24, p. 43-72, 1999.

_____. Effects of cognitive processes on word repetitions. In: WORLD CONGRESS ON FLUENCY DISORDERS, 3., 2001, Nyborg. *Annals*. Nyborg: IFA, 2001. p. 47-52.

CURLEE, R. F.; SIEGEL, G. M. *Nature and treatment of stuttering: new directions*. 2. ed. Needham Heights: Allyn & Bacon, 1996.

DALTON, P.; HARDCASTLE, W. J. *Studies in Disorders of Communication*. Disorders of fluency and their effects on communications. 2. ed. London: Whurr, 1989.

DE NIL, L. F.; BOSSHARDT, H-G. Studying stuttering from a neurological and cognitive information processing perspective. In: WORLD CONGRESS ON FLUENCY DISORDERS, 3., 2001, Nyborg. *Annals*. Nyborg: IFA, 2001. p. 53-58.

DRAYNA, D. T. Scientists find evidence for gene that predisposes individuals to stuttering. *Stuttering Foundation of America*, Memphis, p. 1-7, out./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.stuttersfa.org/default.asp?tabid=176>>. Acesso em: 1º nov. 2004.

FELSENFELD, S. What can genetics research tell us about stuttering treatment issues? In: CORDES, A. K.; INGHAM, R. J. (Ed.). *Treatment efficacy for stuttering: a search for empirical bases*. 1. ed. San Diego: Singular, 1998. p. 51-65.

KALVERAM, K. T. Neurobiology of speaking and stuttering. In: WORLD CONGRESS ON FLUENCY DISORDERS, 3., 2001, Nyborg. *Annals*. Nyborg: IFA, 2001. p. 59-65.

LURIA, A. R. *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria*. 1. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

PERKINS, W. H.; KENT, R. D.; CURLEE, R. F. A theory of neuropsycholinguistic function in stuttering. *Journal of Speech and Hearing Research*, Rockville, v. 34, n. 4, p. 734-752, 1991.

PETERS, T. J.; GUITAR, B. *Stuttering: an integrated approach to its nature and treatment*. 1. ed. Baltimore: Williams/Wilkins, 1991.

SIEGEL, G. M. Stuttering: theory, research, and therapy. In: CORDES, A. K.; INGHAM, R. J. (Ed.) *Treatment efficacy for stuttering: a search for empirical bases*. 1. ed. San Diego: Singular, 1998. p. 103-114.

STARKWEATHER, C. Woodruff. A simple theory of stuttering. *Journal of Fluency Disorders*, Nashville, v. 20, p. 91-116, 1995.

VAN RIPER, C. *Speech correction, principles and methods*. 4. ed. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1963.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. *O desenvolvimento psicológico na infância*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

_____. *Teoria e método em Psicologia*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

_____. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

recebido em: 1º nov. 2004 / aprovado em: 17 mar. 2005

Para referenciar este texto:

BARBOSA, L. M. G.; CHIARI, B. M. Gagueira: possíveis aproximações com o enfoque sócio-histórico de Vygotsky. *ConScientiae Saúde*, São Paulo, v. 4, p. 43-54, 2005.